

## A AMBIGUIDADE E A GENEROSIDADE: CATEGORIAS DA RELAÇÃO ESCRITOR-LEITOR EM SARTRE E BEAUVOIR\*

L'AMBIGUÏTÉ ET LA GÉNÉROSITÉ: CATÉGORIES DANS LES RELATIONS ÉCRIVAIN-LECTEUR CHEZ SARTRE

Thiago Sitoni\*\*  
Débora Fátima Gregorini\*\*\*

### RESUMO

Como a literatura pode vincular-se à fenomenologia existencial? O afinco em palvarear o singular e o universal, o dito e o não dito, em apelo à liberdade de outrem configura um projeto em comum entre Sartre e Beauvoir. O primeiro, desde *Que é a literatura?*, observa a generosidade constituinte na relação dialética entre o leitor-proseador a partir da literatura engajada que se ergue em uma simbiose, em um ato de desvendar a si próprio no instante do desvendamento de mundo; por outro lado, a filósofa existencialista lança termo do romance metafísico desde *Literatura e metafísica* como aquele que encarna a ambiguidade da realidade humana, ou seja, em uma implicação ética. Sua discussão é orientada pelas bases de *Por uma moral da ambiguidade*. O objetivo deste texto é apresentar as noções de generosidade e engajamento em Sartre; descrever a literatura pelas óticas de Beauvoir a partir da ambiguidade, do romance metafísico, da alteridade; e, por fim, demonstrar os pontos de diálogo e de convergência entre essas duas chaves de leitura de verve existencialista.

PALAVRAS-CHAVE: literatura engajada; Sartre; ambiguidade; Simone de Beauvoir, liberdade.

### RÉSUMÉ

Comme la littérature peut connecter-elle à phénoménologie existentielle? Le travail prend le mot singulier et universel, le dit et non-dit, un appel par la liberté d'autrui est un projet commune parmi Sartre et Beauvoir. Le première, depuis *Qu'est-ce que la littérature?* remarque la générosité constituant dans les relations dialectique parmi lecteur-écrivain à partir de la littérature engagé, donné par une symboise en une acte de découvrir a lui-même dans l'instant de la découverte du monde; d'autre parte, l'existentialiste philosophie lance une expression, le roman métaphysique depuis *Littérature et Métaphysique* comme laquelle que incarner l'ambiguïté de la réalité humaine, c'est-a-dire, dans une éthique implication. Leur discussion est orientée en *Pour une morale de l'ambiguïté*. À cette fin, le but de ce texte est présenter les notions sur le générosité et engagement chez Sartre; décrire la littérature pour les optiques chez Beauvoir à partir de l'ambiguïté, le roman métaphysique, l'alterité; et, enfin, démontrer les points de dialogue et de convergence entre ces deux clés de lecture, de verve existencialiste.

MOTS-CLÉS: littérature engagé; Sartre; ambigüité; Simone de Beauvoir; liberté.

---

\* Artigo recebido em 03/04/2024 e aprovado para publicação em 20/06/2024.

\*\* Doutor e mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Docente do curso de Psicologia da Faculdade Alfa de Umuarama (UniALFA). E-mail: [thiagositonipsi@gmail.com](mailto:thiagositonipsi@gmail.com).

\*\*\* Mestra em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Psicóloga Clínica (CRP 08/30961) pelo Centro Universitário de Pato Branco - UNIDEP. E-mail: [deboragregorini@hotmail.com](mailto:deboragregorini@hotmail.com).

## INTRODUÇÃO

Os modos de usar a palavra para redesenhar, fazer estralar ou denunciar a realidade encontram alicerce nas intenções do prosador e do filósofo. Este último dirige a palavra para escancarar seus problemas a partir da sua face visível, dizível e conceitualizada por estruturas universais. Este é, por sinal, o cariz da linguagem filosófica que se ocupa, essencialmente, com seus problemas; o prosador, em uma borda avessa ao academicismo, carrega a palavra em sua dupla dimensão. Inverte-se o paradigma: a linguagem, uma representante concreta da percepção do real e do imaginário, abraça sua face invisível e do não dito. Se o filósofo está preocupado em ocupar o silêncio do discurso pelo esforço da argumentação no peso do conceito, o prosador opera intensificando o mistério do borrão da vida, tensionando modos de ser-no-mundo que o rigor do *logos* não alcança.

A matéria-prima do escritor está nos detalhes nauseantes da contingência, na isca à espera de triturar uma estimada teleologia, abrir o escárnio e a volúpia de uma liberdade que explode as normas institucionais. No interstício entre a filosofia e a literatura é que se encontra essa comunicação íntima, acenada por Leopoldo e Silva (2004) para vislumbrar outro diálogo entre a fenomenologia e a prosa, em especial com Sartre. Trata-se da possibilidade de enlaçar a experiência vivida (singular) em toda sua crueza, pré-reflexividade e ambiguidade para transformá-la (universal), gerando fraturas em sua concretude.

A esse intento, este trabalho interroga: como a literatura pode vincular-se à fenomenologia existencial? Conforme estudo de Silva (2022), sublinha-se que o estatuto midiático do “existencialismo” se deparou com controvérsias entre os seus nomeados, sendo uma identidade que não acolhe os detalhes e as diferenças de cada filósofo, que por vezes não seguiam o fio condutor de Sartre da “existência precede a essência” (Sartre, 1945, p. 6). Nesse aspecto, adotam-se dois nomes corolários da fenomenologia-existencial de expressão francesa: Sartre e Beauvoir. O ponto de apoio desses dois autores é o seu compromisso com uma práxis literária que se enovela com suas incursões filosóficas, redesenhando, cada um a seu modo, a expressão do ser-no-mundo em vínculo com sua situação. Nesse horizonte, este trabalho se desdobra da seguinte maneira: a) apresentar o modo como Sartre compreende a literatura (noção de engajamento e a dialética da generosidade); b) descrever a literatura pelas óticas de Beauvoir (ambiguidade, alteridade e o romance metafísico); c) demonstrar os pontos de diálogo e de convergência entre essas duas chaves de leitura de verve existencialista.

## 1 A LITERATURA ENGAJADA E A GENEROSIDADE DESDE SARTRE

A aliança entre a filosofia e a literatura no projeto de Sartre resulta em uma expressão singular e política de realizar uma literatura capaz de encarnar acusações das mazelas sociais, aproximando a palavra do movimento deslizante do próprio existir. O princípio mediador entre essa “vizinhança comunicante” (Leopoldo e Silva, 2004, p. 13) é a noção de engajamento. Esse é o ponto de partida para a redação de *Que é a literatura?* Os leitores da década de 1947 liam o termo engajamento enquanto sinônimo de filiação a um partido, a uma ideologia ou aos deveres do cidadão. A bem da verdade, tal engajamento na literatura surge em crítica a uma literatura de consumo e uma literatura significante.

Após uma acalorada discussão entre Sartre e Merleau-Ponty no entorno do sentido do engajamento (Chauí, 1997), coube ao filósofo da liberdade o espinhoso desafio de colocar, na ordem desse debate, o ofício do escritor como um livre intérprete da realidade. Esse enigma é o que costura, por exemplo, a estruturação dos capítulos de *Que é a literatura?* A escritura desse texto publicado em primeiro momento na *Les Temps Modernes* acontece em uma atmosfera organizada pelos prelúdios da Guerra Fria, signo de ameaça para a destruição planetária; a Guerra de Indochina em voga após a Segunda Guerra, sob o comando de Ho Chi Minh. Ainda, a datar pelo dia 19 de novembro de 1946, o comando de Minh destila hostilidades à França (Elkaïm-Sartre, 2011).

Ora, tendo em vista que o saber comungado por Sartre clama por uma mudança radical no mundo, interroga-se, de que modo nortear a ação no limite das tensões globais? Pelo escritor. É incontornável, nesse sentido, o engajamento apesar das ameaças coletivas por uma postura ética, previamente acenada no polêmico *O existencialismo é um humanismo* pelo aluno de Sartre, quando recorre aos seus conselhos sobre ir à guerra vingar sua mãe ou não (Sartre, 1945). Deve a ação ser guiada pela “convicção ou responsabilidade?” (Guimarães, 2010, p. 75). Ação acontece por uma livre invenção de seus motivos, mas, seria a literatura uma resposta aos conflitos humanos à beira de sua mais íntima decadência?

Dar soluções aos conflitos, certamente não, mas, em definitivo, colocá-los à mostra. A literatura engajada de Sartre se ergue pela facticidade do ser-no-mundo e da ação sob o primado da irreflexão. O corolário desse modo de realizar a literatura é o destaque no humano Tateando para enfrentar suas adversidades (Leopoldo e Silva, 2004) em oposição a uma literatura de sobrevoo. Em que medida a sua literatura atinge o plano da existência? Quando ela se move da angústia contemplativa de cunho wertheriano para uma angústia existencial

(Fernandes, 1986). Nos termos de Santos (2019, p. 86) é a passagem da irreflexão para a reflexão; do plano do não-ser ao ser:

Assim, quando o humano é lançado no mundo, deixa o plano do não-ser, passa a ser, e tende a não ser novamente. A filosofia problematiza, interpreta e compreende esse processo via razão e sistemas; a literatura estará sensivelmente próxima do humano nessa travessia que perpassa do não-ser inicial ao não-ser final ou, se preferirmos, do nascimento à morte do humano ou de seu aparecimento ao seu desaparecimento.

Ainda, Santos (2019, p. 88) detalha essa relação entre o singular e o universal, totalidade e singularidade:

A filosofia busca o ser do homem na sua totalidade. Não se fala, em filosofia, desse ou daquele sujeito em particular, e sim da condição estrutural de ser de todo e qualquer humano e isso se torna possível mediante o método fenomenológico e análise ontológica das estruturas do ser. Já a literatura aplica esse conceito amplo e totalitário da filosofia ao personagem particular, situado e vivente da realidade concreta. A literatura pensa o ser em situação, sem a necessidade e a obrigação de universalizar as vivências de seus personagens.

Aos olhos de Sartre (1948), a maneira que a literatura opera no mundo se dá graças ao impacto da linguagem. Por ela, o prosador dimensiona o mundo mediando cada gesto, cada ação e cada emoção em outrem. O projeto do escritor não é puramente interpretar a realidade; mas, codificá-la e modificá-la a partir de um vazio primordial. Se o prosador inventa suas leis, estilo, estrutura para escrever sua narrativa, ele o faz por ser liberdade ontológica de carne e osso em uma situação na linguagem. Por outro lado, o leitor tem em mãos o fim dessa atividade visceral, comprometendo-se em um futuro incerto para desvendar. A prosa se assemelha ao movimento da intersubjetividade. É por ela que Sartre vislumbra uma dialética do leitor e do prosador (Sartre, 1948). O escritor é quem ergue seu projeto de ser pelas palavras e, ao lançá-las no mundo, necessita de outrem para realizar uma leitura (futuro). É o leitor, por sua vez, quem impregna os signos com outros sentidos.

Na lacuna entre o dito e o não-dito (significados do leitor) paira a generosidade. Sartre a compreende num esforço de colocar em palavras tudo aquilo que o prosador deseja mediar em outrem sem fornecer-lhe uma direção a ser seguida, clamando sua livre ação. Vai-se além. O leitor não é unicamente o receptor encarnado das intenções do autor, ele é sua liberdade em ato, podendo fazer a linguagem ecoar novos sentidos, rasgá-la para abarcar outras existências que sua estrutura, por si só, não compreende. O modo pelo qual a generosidade opera é por

palavras-chave, acenadas posteriormente em *Orfeu negro*, destacando uma expressão pela literatura negra:

Numa palavra, dirijo-me aqui aos brancos e gostaria de explicar-lhes o que os negros já sabem: porque é necessariamente através de uma experiência poética que o negro, na situação presente, deve primeiro tomar consciência de si mesmo e, inversamente, porque a poesia negra da língua francesa é, em outros dias, a única grande poesia revolucionária (Sartre, 1960, p. 108-109).

O prosador dirige-se a um público-alvo e, dirigindo-se, a palavra revela seu ser, tal como é o exemplo da literatura negra. Por mais sensíveis que sejam os brancos sobre a experiência de ser-negro-no-mundo, é inviável a compreensão dos aspectos sensíveis à nervura de sua experiência. Tateia-se, portanto, pela isca da linguagem. Em *Orfeu negro*, o ser-negro-no-mundo revela-se como um ser da linguagem<sup>1</sup> e, nesse aspecto, Sartre deixa aberto um outro problema. Se o escritor realiza seu ofício pela linguagem, numa primazia em trazer o vivido, existem aspectos da diferença (com isso, gênero, raça, sexualidades) que a estrutura linguística – neste caso, a francófona, contudo podemos questionar a nossa língua vernácula no mesmo eixo – não alcança, tampouco dedilha sobre as intenções mais íntimas das comunidades dissidentes e de raça. Ora, pela literatura, a reflexividade ganha sentidos ainda mais decisivos: se não penso sobre as ações no fluxo do vivido e nem sou capaz de palavrear existências, de qual signo é feita minha carne?

Em seus termos: “oprimido pela técnica [a linguagem], quer-se técnico, porque sabe que a técnica será o instrumento de sua libertação” (Sartre, 1960, p. 109). O filósofo da liberdade fornece pistas: a libertação acontece, apesar da língua, pela capacidade de usá-la contra sua estrutura mesma. A poesia negra, nesse sentido, gera um curto-circuito. Devido ao fracasso da linguagem em não alcançar a experiência de ser-no-mundo negro, o que há por trás do dito, enquanto significativo, é a figura de “um grande ídolo negro e mudo” – e nesse aspecto, não se trata de idolatrar um arquétipo; trata-se de ver-se, transcendendo a matéria, enquanto existência real, concreta, legítima no mundo – “sua maneira peculiar de utilizar os meios de expressão de que dispõe” (Sartre, 1960, p. 120).

---

<sup>1</sup> Em *Que é a literatura?* há um debate germinal sobre a literatura negra, quando Sartre destaca a obra de Richard Wright para evocar componentes da generosidade e o debate ecoante sobre o racismo. Ademais, vale destacar a seguinte passagem do *Orfeu negro*: “os traços específicos de uma Sociedade correspondem exatamente às locuções intraduzíveis de sua linguagem” (Sartre, 1960, p. 116) – e em seguida, a crítica à linguagem – “esta sintaxe, este vocabulário forjados em outros tempos, a milhares de léguas, a fim de satisfazer outras necessidades e designar outros objetos são impróprios para lhe fornecer os meios de falar de si, de suas preocupações, de suas esperanças” (Sartre, 1960, p. 117). Essa crítica direciona à insuficiência da época em abarcar o termo negritude como expressão do *éthos* do ser negro no mundo, localizado na língua francesa.

De que modo pode-se descrever fenomenologicamente esse duplo desvelamento entre escritor e leitor? Numa síntese entre a percepção (captar as palavras como estão alinhadas) e a criação (ir além do significado): “o leitor tem consciência de desvendar e ao mesmo tempo de criar; de desvendar criando, de criar pelo desvendamento” (Sartre, 1948, p. 50). Há um flerte entre o real e o irreal (Sartre, 1940). Sob esse aspecto, Sartre (1948, p. 50-52) apresenta algumas descrições sobre a prosa:

[...] o sentido não está mais contido nas palavras, pois é ele, ao contrário, que permite compreender a significação de cada uma delas; e o objeto literário, ainda que se realize através da linguagem, nunca é dado na linguagem; ao contrário, ele é, por natureza, silêncio e contestação da fala. [...] nada jamais é dado; é preciso que o leitor invente tudo, num perpétuo ir além da coisa escrita.

A palavra não deve possuir um sentido petrificado, semelhante ao olhar da Medusa; o componente material da linguagem comporta silêncios, ambiguidades, afetos que se dirigem a uma experiência da criação dirigida. O prosador guia o leitor até certo ponto; concretizar essa travessia, por outro lado, é ofício da invenção – ou, por um termo do *Imaginário*, de uma “irrealização” (Sartre, 1940). Em *Que é a literatura?* há um privilégio da prosa em detrimento às outras expressões estéticas, em razão da prosa fazer uso da palavra enquanto fim e não enquanto objeto, em comparação a poesia (Souza, 2021). Até então, a prosa atende os interesses de Sartre: “[...] nas tensões, nas ambiguidades, o filósofo tenta equilibrar os lados opostos: nem um engajamento que exclua o aspecto estético, nem um irreal que ignore a relação com real” (Souza, 2021, p. 53).

Será essa literatura prosaica, em *Que é a literatura?*, capaz de fortalecer o projeto do prosador de infiltrar-se nas classes dirigentes enquanto “parasitas das classes ou raças opressoras” (Sartre, 1948, p. 85). Influenciado por uma leitura de Marx e Engels (2010), essa posição sublinha que a burguesia não produz, não transforma; ela detém meios de produção, valorizando, pois, o meio. Nesse sentido, reflete Sartre (1948) em um rastro histórico, o escritor enquanto meio. A contar pelo século XVII até o século XIX, o prosador fez-se um meio de propagação e manutenção do *status quo*. Para tanto, no século XX, Sartre propõe uma saída: retornar à burguesia, na intenção de romper com os pilares da estabilidade burguesa, assumindo o seu público e viabilizando ao seu leitor possibilidades vindas de uma literatura de situações, do presente e de uma potente reflexão.

Em *Orfeu negro*, há uma reviravolta. É a poesia negra, em especial, a de Senghor, que dilata a compreensão de Sartre, encorpando a instrumentalização de um projeto coletivo de

uma libertação antirracista. A experiência poética traz em si a luta de classes. Sua efetivação deve acontecer de modo negativo, quer dizer, quando os brancos tomam parte à luta da comunidade negra<sup>2</sup>. Essa literatura deve romper com as estruturas da sintaxe, os interesses ocidentais e a colonização do conhecimento, comungando em intersecção com as questões raciais<sup>3</sup>. Aos olhos de Santos (2019) a literatura sartriana abarca, em suma, uma crise axiológica. O materialismo ensinado na Sorbonne não estava apreendendo as minúcias do real, nem mesmo a literatura dos bons costumes valorizada pela elite dirigente francesa. A saída que se encontra em *Que é a literatura?* é um modo de realizar uma literatura que permite o desvendamento da liberdade do leitor, provocando-o, incomodando-o até assumir a responsabilidade pelo seu engajamento no mundo. Em *Orfeu negro*, a liberdade se reveste, por outro termo, numa implicação na historicidade. Ora: “a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar senão tencionando mudar” (Sartre, 1948, p 28). É um duplo desvendamento: do humano enquanto reflexividade e da reflexividade em comunhão histórica.

Nesse sentido, agir não é agir tal como as personagens dos enredos; é agir conforme a uma ética da liberdade que se catapulta a partir de seus móveis por um verdadeiro projeto (Santos, 2019; Sartre, 1943). Por fim, a generosidade chega a seu ápice na consciência reflexiva, marcada pela reciprocidade. Esse instante está aliado à clássica interrogação: a vida imita a arte ou a arte imita a vida? Nem um, nem outro; é um espelhamento. A intenção primordial é que o leitor da prosa se crie como protagonista de sua existência. De que modo esse espelhamento acontece? Quando o leitor consegue ver a sua condição no mundo, as suas escolhas passadas e se decide assumir sua indeterminação ontológica para romper com o projeto anterior e iniciar um outro.

---

<sup>2</sup> Nesse sentido, Sartre (1960, p. 111) questiona: “podem os negros contar com a ajuda do proletariado branco, distante, distraído por suas próprias lutas, antes que estejam unidos e organizados em seu solo?”

<sup>3</sup> Malka (2021) adverte que não há um consenso sobre o significado da palavra Orfeu, uma vez que pode designar poeta (do sânscrito, *ribhus*); obscuro, negro, órfão (do grego, *orphnos*). Esse termo, para as intenções de Sartre à época, designa sua filiação à luta anticolonialista imperada em uma Europa em crise com suas colônias, as necessidades dos países de Terceiro Mundo com que a ONU estava preocupada e com sua virada dialética. A publicação do texto veio à luz do dia como prefácio à *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue Française* de Léopold Sédar Senghor (1948), que reunia escritores das regiões colonizadas pela França (Haiti, Guadalupe, Martinica, Guiana Francesa, Madagascar e África subsaariana) na intenção de destacar, pela experiência poética, a subjetividade negra. Sartre serve de eco para uma experiência vivida por que os negros já passavam, que é a insuficiência das estruturas políticas e sociedades na legitimação de seus direitos e de sua liberdade. Apesar de ser um ensaio decisivo e de grande valia à Sartre, ele apresenta algumas lacunas. Quem demonstra isso é Franz Fanon (2008), em *Pele negra, máscaras brancas*, denunciando um engessamento no pensamento sartriano por generalizar a libertação da comunidade negra à dialética e ao marxismo. Além disso, há o apagamento das mulheres negras, a generalização da cultura da comunidade negra, os parâmetros brancos e ocidentais para analisar a subjetividade negra, a exaltação do homem negro primitivo e a facticidade de ser um homem-branco-no-mundo escrevendo sobre a negritude.

## 2 AMBIGUIDADE E ALTERIDADE NO ROMANCE METAFÍSICO DE SIMONE DE BEAUVOIR

Simone de Beauvoir é uma amante da escrita e da leitura. Essa afirmativa fica claro quando lemos suas memórias (Beauvoir, 2009a; 2009b). Desde muito jovem, experimentava sensações intensas após ler romances e tratados filosóficos. Ambos os estilos de escrita tocavam-na profundamente, porém de formas diferentes. Após ler teorias de grandes filósofos, sentia que poderia haver algo de pueril na literatura, que era fútil se dedicar a um romance depois de se debruçar sobre um estudo sistematizado da realidade humana. Ao visitar um novo romance, entretanto, a experiência de uma boa ficção a atingia de maneira inigualável, como jamais fizera qualquer livro didático. Parecia entrar em um novo mundo, povoado de pessoas concretas e acontecimentos singulares.

Há em verdade, uma antiga querela que debate a importância da literatura frente à filosofia, fundada na seguinte interrogação: qual forma de escrita capta melhor a verdade? Qual expressão apreende o intemporal e o universal, as experiências singulares? Em um pequeno ensaio intitulado *Literatura e metafísica*, Beauvoir (1965) propõe uma nova fórmula para solucionar esse impasse: o romance metafísico, tipo de escrito que é capaz de trazer a filosofia para a vida cotidiana, sem que configure uma emulação de uma teoria previamente formulada, mas sim de tal maneira que seja possível ao leitor observar a ambiguidade humana em sua mais pura manifestação: na existência no seio do mundo e junto aos outros. Beauvoir busca romper fronteiras que existam entre a filosofia e a literatura e de uma falsa hierarquia que estabelece uma superioridade da primeira sob a segunda.

Em sua perspectiva há o reconhecimento da linguagem ficcional como aproximação à realidade correspondendo a uma forma distinta de transmitir conhecimento ao leitor. O que é expresso em um romance não poderia ser mais bem expressado por outra forma de escrita, nem mesmo em um tratado filosófico. As duas formas de linguagem não chegam a se sobrepor, uma vez que podem alimentar-se mutuamente, já que a elaboração intelectual da existência, atingida pela filosofia, não é igualável à remontagem imaginária da experiência vivida que a literatura propõe, tampouco o contrário (Beauvoir, 1965; Pellejero, 2019).

Entenderemos melhor do que se trata o romance metafísico tendo em vista a filosofia existencial adotada por Beauvoir, na qual a metafísica não diz respeito a qualquer substância inumada, sobre-humana, divina, mas aparece no movimento da consciência humana: “na realidade, fazer metafísica é ser metafísico, é realizar em si a atitude metafísica que consiste em pôr-se na sua totalidade em face da totalidade do mundo” (Beauvoir, 1965, p. 87).

Ora, a partir disso, compreende-se que a metafísica pode ser abordada em duas formas diferentes. Pode-se fazer um esforço para explicitá-la em seu sentido universal, por meio de uma linguagem abstrata e sistematizada que irá explicar ao leitor o que é o movimento da consciência e a consciência em si, ou então abordar seu caráter a partir da subjetividade e da historicidade com o uso de personagens que experienciem a condição de seres conscientes e transcendentais. Tais formas de trabalhar a metafísica correspondem respectivamente à filosofia e ao romance metafísico. Em uma ótica existencial não é possível cindir completamente os dois pontos de vista, uma vez que “é no seio do mundo que pensamos o mundo” (Beauvoir, 1965, p. 80). O drama da existência só encontra sua verdade na relação com um mundo concreto e histórico. Assim sintetiza a autora:

Não é por acaso que o pensamento existencialista tenta exprimir-se hoje, ora por tratados teóricos, ora por ficções: mas sim porque é um esforço para conciliar o objetivo e o subjetivo, o absoluto e o relativo, o intemporal e o histórico; pretende encontrar a essência no coração da existência; e se a descrição da essência releva da filosofia propriamente dita, só o romance permitirá evocar na sua verdade completa, singular, temporal, o brotar original da existência. Não se trata aqui, para o escritor, de explorar no plano literário verdades previamente estabelecidas no plano filosófico, mas sim de manifestar um aspecto de experiência metafísica que não pode manifestar-se de outro modo: o seu caráter subjetivo, singular, dramático e, também, a sua ambiguidade; pois que a realidade não é definida como apreensível apenas pela inteligência, nenhuma descrição intelectual poderia expressá-la adequadamente. É necessário tentar apresentá-la na sua integridade, tal como se revela na ação viva que é ação e sentimento antes de se tornar pensamento (Beauvoir, 1965, p. 91).

Beauvoir compreende o processo de escrita numa ação e forma de desvelamento do ser, ou seja, caminho para a construção de um projeto existencial, de atribuição de sentido ao mundo e à própria existência. Esse é um processo presente na escrita em geral e não apenas na formulação de tratados filosóficos ou qualquer outro tipo de teoria formal. Em sua concepção, no que tange ao processo criador (de personagens, teses e de si mesmo), a escrita dos romances é uma forma poderosa de manifestação. Não se poderia falar da vida em sua integralidade de forma estritamente intelectual, é preciso que esteja presente também a sensibilidade da interioridade subjetiva. Beauvoir atina que seu próprio projeto existencial é construído pela escrita; decide que esta será sua grande tarefa da vida, criar-se e criar personagens e sentidos por meio das palavras que coloca no papel.

A escrita é matéria vivida pela expressão de si mesma e de seu projeto existencial. Toda sua produção literária está indissolúvelmente ligada à sua existência particular. Suas vivências, suas percepções e suas teses são materiais para a escrita, de tal forma que se pode

fazer um *continuum* de seu pensamento por meio de gêneros textuais diferentes, mas que, em comum, possuem sua autoria. À vista disso, nota-se um amálgama de traços comuns de sua visão de mundo presentes em toda a sorte de escritos aos quais a autora se dedica, especialmente as noções de ambiguidade e alteridade que são densamente trabalhadas por ela e nos apresentam novamente certo grau de performatividade de si no ato de escrever (Grau, 2016; Sousa, 2021).

O encontro com a categoria da ambiguidade se dá justamente na apresentação da relação objetividade e subjetividade ou universal e singular. A filosofia, no tocante à objetividade e o caráter universal, consegue com *finesse* trabalhar a humanidade, buscando teorias que descrevem a experiência humana em sua generalidade; enquanto o romance acessa a subjetividade, se debruçando não sobre a humanidade em geral, mas, sim, sobre histórias singulares, capazes de trazer o cotidiano para o campo de visão do escritor e do leitor. A escrita de Beauvoir acolhe essa ambiguidade, do rastro universal no traço singular e vice-versa. Ela não se limita a um gênero textual, pelo fato de compreender a existência humana marcada pelos dois traços: singularidade e universalidade. Não seria possível dar conta de toda a complexidade humana em nenhum dos gêneros tomados unicamente.

No cerne da ambiguidade entre objetividade e subjetividade aparece a alteridade, precisamente na relação escritor-leitor. Beauvoir (1965) reveste o romance metafísico de um caráter muito importante: a capacidade de se equiparar à experiência vivida e de realizar-se na experiência mesma. A valer, a escritora afirma que um romance bem escrito é capaz de suscitar no leitor reações semelhantes àquelas despertadas pelo vivido. Nesse sentido, ao ler uma obra de ficção honestamente escrita, a consciência do leitor é capaz de se engajar, tomar partido acerca das eventualidades das personagens e ser colocado a refletir sobre sua própria condição humana, como se estivesse se deparando com memórias. Para tanto, porém, Beauvoir é austera: é preciso engajar-se, sem desculpas e, por sua vez, o romance deve ser lido e escrito na mesma esteira de honestidade.

Beauvoir concebe uma espécie de ponte<sup>4</sup> entre a consciência do escritor e a do leitor. Em seu ensaio *Pirro e Cinéias* (Beauvoir, 2005), no qual trabalha o porquê da ação, podemos encontrar pistas de como a autora começa a propor esse vínculo que pode ser criado entre o escritor e aquele que lê seus escritos. No referido texto, a autora nos diz que é apenas nosso o

---

<sup>4</sup> A ideia de criar uma ponte entre quem lê e quem escreve também se faz notada pela linguagem utilizada por Beauvoir, que parece sempre engajada em passar sua mensagem de forma que facilite a compreensão. A autora não faz uso de um vocabulário propositalmente rebuscado, e usa o sinal de dois pontos para introduzir retoricamente no texto suas próprias conclusões (Teixeira, 2017).

projeto no qual engajamos nosso ser, para dizer que fiz algo, preciso tê-lo criado por completo; contudo, aponta uma luz para que possamos nos engajar em criações já existentes: utilizar essas realizações como pontos de partida para o nosso próprio projeto.

Não se trata de tomar o que está encerrado como seu, e sim de utilizar o que outrem concebeu para criar algo, revestido de um novo engajamento. A partir do momento que um objeto é criado, ele se separa de seu criador e isso serve para um texto escrito. Assim, a matéria pode ser encontrada por outrem e ressignificada por ele na situação de seu ser-no-mundo. Essa conexão entre projetos de pessoas diferentes é possível porque o ser humano, em uma perspectiva existencial, é transcendência rumo a outrem e ao futuro. Nas palavras da autora:

É porque minha subjetividade não é inércia, retiro sobre si, separação, mas, ao contrário, movimento para o outro, que a diferença entre o outro e mim é abolida e posso chamar o outro de meu: apenas eu posso criar o laço que me une ao outro; crio-o pelo fato de que não sou uma coisa, mas um projeto de mim rumo ao outro, uma transcendência (Beauvoir, 2005, p. 139).

A subjetividade penada por Simone de Beauvoir (1970; 2005) e acessada pelo romance metafísico não é solipsista, haja vista que sua filosofia não compreende o humano como um ser isolado. Nossas ações pesam sobre o mundo e criam situações a serem vivenciadas por nós e por outrem, nos tornando parte de sua facticidade. É precisamente por ser possível uma espécie de ligação entre os seres humanos que o romance metafísico pode exercer seu papel de propiciar reflexões e compreensões emotivas. À vista disso, para que o romance metafísico cumpra o papel de unir as duas consciências, é preciso que a do leitor esteja engajada, que em sua liberdade ele eleja aquela leitura como um ponto de partida para si. Não é unicamente a habilidade do escritor que define se um livro é capaz ou não de suscitar reflexões e capturar verdadeiramente o leitor. Está em jogo, também, certa correspondência livre daquele que lê. A autora nos dirá que “o livro primeiramente é; e uma vez que ele é, cabe ao leitor apreender essa presença como o inverso de uma ausência: apenas sua liberdade decide a respeito” (Beauvoir, 2005, p. 188).

Simone de Beauvoir se ocupou de escrever verdadeiros romances metafísicos. Emprestou sua liberdade às personagens que criou em contos e novelas, transpondo suas questões para a ficção, a ponto de seus escritos serem repletos de traços autobiográficos e inspirações em pessoas que eram parte de seu convívio. Na composição de suas obras literárias, ela mantinha em aberto as perguntas que fazia a si mesma, não se detinha a ilustrar na ficção temas já resolvidos pela filosofia existencial, mas encarnava nas personagens os

questionamentos na medida que vinham à sua própria consciência. É nessa medida que o leitor é quase que levado pela mão através da história da personagem, a investigar também os seus enigmas mais íntimos (Beauvoir, 1965; Grau, 2016). Como não lembrar agora de Monique, personagem de *A mulher desiludida*, refletindo consigo mesma: “curioso que não se possa compreender a própria história a não ser com o auxílio da experiência dos outros” (Beauvoir, 2021, p. 133).

Ser ouvida por seus contemporâneos, esse foi o projeto de Simone de Beauvoir. Na tessitura de sua existência construiu-se como escritora para servir como intermediária e mostrar a ambiguidade da existência humana. Esforçou por colocar no papel suas impressões sobre o mundo, seja de forma intelectual e sistematizada em ensaios filosóficos, seja na subjetividade concreta da literatura; Beauvoir definitivamente se colocou como ponto de partida para quem se dispusesse a lê-la, e quem o faz honestamente não sai ileso (Grau, 2016; Kirkpatric, 2020).

## CONCLUSÃO

O ponto de apoio entre Sartre e Beauvoir se evidencia por um comprometimento íntimo da singularidade com a universalidade. Enquanto o filósofo da liberdade implica o prosador por uma literatura engajada, tanto politicamente quanto com os dramas existenciais, a filósofa existencialista dimensiona a prosa enquanto romance metafísico, o qual encarna as minúcias do ser-no-mundo e o seu vínculo ambíguo com a intersubjetividade.

Se por um lado, em Sartre, avista-se uma vizinhança comunicante entre literatura e filosofia, em Simone, também se verifica uma horizontalidade, contudo, por outro lado, reside uma profundidade, de caráter autobiográfico, que catapulta o caráter crítico e dramático de sua literatura. A relação prosador e leitor ganha uma dimensão mais detalhada, de caráter fenomenológico e histórico em Sartre; em Beauvoir, entretanto, se vê essa discussão em um caráter embrionário.

Ambos os autores se dedicam a inquietar as liberdades para reconfigurar seu projeto, convidam a refazerem-se dos encadeamentos cotidianos e erguerem-se como transcendência a outrem. Esses aspectos nos levam a afirmar veementemente que não se lê isoladamente um autor do outro; pelo contrário, há uma intimidade epistemológica entre Sartre e Beauvoir, cujo fio condutor é um verdadeiro apelo ético aos seus leitores. A comunhão desses grandes

intelectuais do século XX ainda reverbera e rasga, a céu aberto, a carne do mundo: a liberdade.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **A força da idade**. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009b.

BEAUVOIR, Simone de. **A mulher desiludida**. Tradução de Helena Silveira e Maryan A. Bon Barbosa. Prefácio de Andréa Pachá. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

BEAUVOIR, Simone de. **Memórias de uma moça bem-comportada**. Tradução Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009a.

BEAUVOIR, Simone de. **Moral da ambiguidade**. Tradução de Anamaria de Vasconcellos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

BEAUVOIR, Simone de. **O existencialismo e sabedoria das nações**. Tradução de Manuel Lima e Bruno da Ponte. Lisboa: Minotauro, 1965.

BEAUVOIR, Simone de. Pirro e Cinéias. *In*: BEAUVOIR, Simone de. **Por uma moral da ambiguidade**. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

CHAUÍ, Marilena. Filosofia e engajamento: em torno das cartas da ruptura entre Merleau-Ponty e Sartre. **Revista Dissenso**, USP, n. 1, p. 133-153, 1997. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/dissenso/article/view/105038>. Acesso em: 21 jul. 2023.

ELKAÏM-SARTRE, Arlette. Préface. *In*: SARTRE, Jean-Paul. **L'imaginaire**: psychologie phénoménologique de l'imagination. Edition revue et présentée par Arlette Elkaïm-Sartre. Paris: Gallimard, 2011.

FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES José. **O existencialismo na ficção brasileira**. Goiânia: Editora da UFG, 1986.

GUIMARÃES, Frederico Moreira. **Literatura e engajamento em Sartre**: um estudo de *Que é a literatura?* Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

GRAU, Olga (org.). **Simone de Beauvoir en susdesvelos**: lecturas feministas. Santiago: LOM, 2016

KIRKPATRICK, Kate. **Simone de Beauvoir**: uma vida. Tradução de Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: Planeta do Brasil, 2020.

LEOPOLDO E SILVA, Franklin. **Ética e literatura em Sartre**: ensaios introdutórios. São Paulo: UNESP, 2004.

MARX, Karl; ENGELS, Frederich. **Manifesto comunista**. Tradução de Álvaro Pina e Ivana Jinkings. São Paulo: Boitempo, 2010. (Coleção Marx-Engels).

MALKA, Marina Bonatto. A pele negra de Orfeu na literatura do século XX. **Línguas & Letras**, [s. l.], v. 22, n. 52, 2021. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/26945>. Acesso em: 21 jul. 2023.

PELLEJERO, Eduardo Aníbal. No seio do mundo: a literatura como lugar da consciência reflexiva. **MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras**, [s.l.], n. 53, p. 144-154, dez. 2019. ISSN 0104-0944. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/8237> Acesso em: 27 jul. 2023.

SANTOS, Tiago Soares dos. **A pré-reflexividade do personagem na ficção sartriana**. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, PR, 2019.

SARTRE, Jean-Paul. **L'Être et le néant**: essai d'ontologie phénoménologique. Paris: Gallimard, 1943.

SARTRE, Jean-Paul. **L'existentialisme est un humanisme**. Paris: Nagel, 1945.

SARTRE, Jean-Paul. **L'imaginaire**: psychologie phénoménologique de l'imagination. Paris: Gallimard, 1940.

SARTRE, Jean-Paul. **Qu'est-ce que la littérature?** Paris: Gallimard, 1948.

SARTRE, Jean-Paul. **Reflexões sobre o racismo**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Difusão Europeia, 1960.

SENGHOR, Léopold Sedar. **Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française**. [S. l.], France: PUF, 1948

SILVA, Claudinei Aparecido de Feitas da. A controvérsia existencialista: Sartre e Gabriel Marcel. **Revista Dialectus**, [s. l.] n. 27, p. 51-74, 2022. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/dialectus/article/view/83204/227530>. Acesso em: 10 ago. 2023.

SOUSA, Karla Cristhina Soares. O romance metafísico: a escrita literária em Simone de Beauvoir. **Anãnsi: Revista de Filosofia**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 78-88, 2021. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/anansi/article/view/10806>. Acesso em: 28 jul. 2023.

SOUZA, Thana Mara de. A recepção da arte como contribuição para o fim da arte – apontamentos sobre a necessidade de aliar o engajamento ao imaginário. *In*: NORBERTO, M. S.; CASTRO, F. C. L. de. **Sartre e a estética**. Rio de Janeiro: PUC-Rio/NUMA, 2021. p. 35-67.

TEIXEIRA, Pedro Rhavel. Literatura e metafísica na filosofia de Simone de Beauvoir. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 8, n. 16, p. 508-521, 21 dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/P.2177-6342.2017v8n16p508>. Acesso em: 19 jan. 2024.